



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PAULO ANDRÉ JUKOSKI DA SILVA (Paulão)

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-346

Entrevistado: Paulo André Jukoski Silva

Nascimento: 24/12/1963

Local da entrevista: Complexo esportivo La Salle- Canoas

Entrevistador/a: Christiane Garcia Macedo, Bruna Tomaschwski Perla, Natália Bender.

Data da entrevista: 03/04/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 26 minutos e 41 segundos

Páginas Digitadas: 10

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

A trajetória do atleta no esporte; Iniciação no voleibol; Primeiro campeonato; Atuação na Sociedade de Ginástica Porto Alegre; Situação do voleibol na época no Rio Grande do Sul; Aprendizado que a experiência no voleibol trouxe para a sua vida; Distância do eixo Rio - São Paulo; Participação em Jogos Olímpicos; Vivência na Vila Olímpica; Primeira convocação para a Seleção; Repercussão da participação nos Jogos Olímpicos. Conquista da medalha olímpica; Convite para assumir cargo no Ministério do Esporte; Candidatura para Deputado Federal; Atuação como técnico de voleibol; Investimentos no esporte pelas universidades; Importância de compartilhar o aprendizado com a comunidade.

Porto Alegre, 03 de setembro de 2013. Entrevista com Paulo André Jukoski Silva cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Paulão, inicialmente gostaríamos de agradecer porque a gente sabe que o tempo é precioso, agradecer a disponibilidade, para o Centro de Memória é muito importante esse depoimento e queria que você começasse contando como foi a sua iniciação no esporte.

P.S. – Para mim primeiro é um prazer ser sempre lembrado, porque a gente faz uma história tão longa dentro do esporte e quando as pessoas ligam sempre e perguntam, acham que estão incomodando, bem pelo contrário, eu sempre curto muito, acho muito bacana isso, e compartilhar a vida esportiva é melhor ainda porque a gente sabe o quanto hoje, no meu ponto de vista, é importante o esporte como fator educativo. Eu acho que, como espelho, a gente pode ser muito mais útil e eu sempre gosto de dizer o seguinte: eu tenho tanta coisa guardada em casa, guardar em casa não adianta nada, então, a gente tem que compartilhar com os outros. Eu comecei muito por acaso dentro do voleibol, eu sempre gostei muito de esporte na escola, não era um grande aluno nas matérias, mas no esporte sempre me dei muito bem e fazia tudo na escola, *tudo*. E eu escolhi o handebol para ser pivô de handebol, um certo dia no recreio o professor me viu jogando com os colegas, voleibol e perguntou se eu queria jogar. Daí eu falei, “olha eu tenho aula” e ele falou: “vai ter bonificação de aula.” Quer dizer, eu iria faltar, mas não iria receber a falta, pois ele ia comprovar que eu estava jogando. Eu tenho seis atletas e preciso levar um reserva. Eu falei: “vou!”. Eu sou de Gravataí, o campeonato era em Taquara e fui com ele para esse campeonato. Nós chegamos no primeiro jogo, no aquecimento de rede o meu colega levou uma bolada no dedo e ficou todo torto, acho que tinha quebrado o dedo, não tinha outro reserva e eu entrei e foi aquela coisa de estrela, de sorte, que eu acredito muito. Tinha um professor da SOGIPA¹ assistindo, não era um professor, era um diretor da SOGIPA assistindo, que tinha um sobrinho que ia jogar, ele estava assistindo e foi aqueles dias que a bola bate na cabeça, no ombro, no cotovelo e a bola cai no time adversário, eu estava nesses dias de sorte. Primeiro campeonato de voleibol, primeiro jogo na minha vida e no final dos jogos ele me perguntou se eu queria fazer um teste na SOGIPA. Bom, vocês devem conhecer a SOGIPA. A SOGIPA, mais antigamente, para entrar no clube tu tinha

que ter convite, tinha que passar pelo Conselho, só podia entrar e fazer o percurso determinado por eles. Quer dizer, era bem chato e então ele me fez o convite, deu o convite por escrito e eu fui com o meu pai a Porto Alegre. Chegando no gabinete dele na SOGIPA eu encontrei um cara chamado Renan², que até então nunca tinha ouvido falar no Renan, e o que me chamou atenção quando eu cheguei na sala é que ele estava calçando um Mizuno de nylon trançado e eu conto isso nas minhas palestras porque eu acho muito engraçado. Porque na época os tênis mais famosos que tinham eram o Bamba, o Conga e o Kichute. Eram três tênis assim top de linha e eu tinha um Kichute que eu fazia só Educação Física com ele e o Conga que eu ia para a escola e voltava. Eram os dois tênis que eu tinha e na conta ali porque era a minha mãe me dava. E eu olhei para ele e falei: “cara, é o tênis, eu vou jogar vôlei para ganhar esse tênis, não tenha dúvida nenhuma”. E começou a minha vida dentro do voleibol, muito por acaso. Peguei um professor muito bom na época, que é o João Batista³, que foi um cara que me ensinou o voleibol e muitos valores dentro do voleibol. Nesse início foi muito agradável porque os meninos me receberam muito bem. Teve uma coisa engraçada, eu fui com o Kichute treinar e eles disseram que eu não podia treinar com ele porque arranhava muito o chão, porque tinha umas travinhas em baixo. Eu cheguei em casa e cortei as travinhas com a faquinha de pão, arranhou mais ainda, eles proibiram que eu jogasse, eu estraguei o Kichute, não pude jogar mais, e aí fui jogar de Conga, aí o Conga eles me disseram que era muito fininho, daí eu falei para eles que minha tinha me dado uma palmilha e aquela palmilha era boa de treinar. A palmilha nada mais era do que um papelão grossinho porque eu tinha a família muito simples, não tinha dinheiro para comprar outro tênis, então, era o que eu arranjei na hora para não ficar com mais vergonha ainda e continuei treinando. Foi meu início dentro do voleibol foi dessa maneira.

C.M. – Como era a situação do vôlei no Rio Grande do Sul na época?

P.S. – O voleibol no Rio Grande do Sul até hoje ele sempre teve uma base fortíssima. Os educadores, os professores de educação física, técnicos de voleibol fizeram uma base, fizeram uma história muito forte, então, desde aquela época o voleibol sempre foi, nas competições que jogava, sempre chegava ali entre o primeiro e quarto lugar e eu, a

¹ Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

² Renan Dalzotto.

primeira competição que eu fui inclusive em Aracajú, que era um brasileiro infante, nós ficamos em terceiro lugar. Foi uma das primeiras medalhas em um campeonato brasileiro e eu tive o prazer de estar junto naquela equipe lá com o João Batista. Então o voleibol no Rio Grande do Sul, infelizmente acaba no infante-juvenil; no infante acaba que os clubes de Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo levam todos, por bolsa de estudo, por ajuda de custo, um tênis ou outro e isso é uma pena. É isso que a gente trabalha hoje para fortalecer. Mas a base é muito boa e continua exportando atleta de grande qualidade, masculino e feminino.

C.M. – No período inicial da sua carreira, o que você destacaria, já como profissional, antes da participação das Olimpíadas?

P.S. – Olha, destaque técnico ou individual?

C.M. – De experiências que você viveu e que acha importante o registro.

P.S. – Olha, eu sou suspeito para falar porque tudo que eu tenho hoje na vida deve-se ao voleibol. Fora os valores que o meu pai e minha mãe me ensinaram, que foram muitos, maravilhosos, o voleibol me deu uma ideia de trabalho em equipe, de ganhar e perder, de respeitar companheiros, assim, maravilhoso, *maravilhoso* mesmo. E isso eu consegui transcrever para a minha vida do dia-a-dia e ensinar os meus filhos também, então eu agradeço demais ao voleibol, toda essa aprendizagem, de compartilhar minhas ações, independente se ela é certa ou errada, mas compartilhar. Se é errada ela minimiza um pouquinho, os colegas ajudam. Se é certa, tu compartilha também porque fez um ponto e compartilha com eles. Então o voleibol me ensinou isso, a sempre ser participativo e ter sucesso, ou negativo ou positivo, mas tem sempre sucesso.

C.M. – E a distância do eixo Rio-São Paulo ela causou alguma dificuldade para você nesse início?

P.S. – Não, não, no início nenhum pouco, bem pelo contrário. Nós íamos jogar com os times de Minas, São Paulo e Rio e fazíamos jogos de igual para igual cem por cento. A

³ Nome sujeito à confirmação.

gente começou a acreditar que, na nossa época, não tinha porque ficar com receio ou com medo deles. Nós tínhamos uma base, um padrão maravilhoso e eles sim tinham receio da gente, porque sabiam que chegavam uns guris compridos e finos jogando pra caramba, jogando barbaridade, com técnicos que entendiam de voleibol e de táticas de jogo, então nós sempre tivemos um padrão de excelência aqui no sul.

C.M. – Mais especificamente sobre a ida aos Jogos Olímpicos, como você chegou a uma seleção?

P.S. – Eu gosto de dizer sempre o seguinte, a Olimpíada é uma Disneylândia, para quem gosta de esporte. Você vai para uma, eu fui a cinco Olimpíadas: três como atleta e duas como dirigente, com o Ministério do Esporte quando eu trabalhava lá e depois pelo Comitê Olímpico e eu gostaria de ir em todas porque você encontra os melhores. Você encontra os recordistas mundiais, olímpicos, então você está na Vila Olímpica você passa diariamente por mulheres belíssimas, recordistas, campeãs olímpicas, homens belíssimos, tem gosto para tudo que é tipo de tamanho, jeito, cor... então, é um lugar assim que você está compartilhando, você senta naqueles refeitórios gigantescos, você vira para o lado tem um, no meu caso tinha um Boris Becker sentado. O Boris Becker na época era um dos número um do mundo no tênis e tu olha para o cara e cumprimenta, eles te cumprimentam também, por uma questão de estar naquele ambiente ali mágico e eu ainda falei: “Oi, tudo bem?” O cara respondeu: “Oi, tudo bem”. Eu falei: “Cara, tu fala português?” Daí ele falou: “Ah, eu sou casado com uma angolana e aprendi português” E criou-se, não uma amizade, mas uma troca de gentileza, de oi, bom dia, até um dia quando eu passei na rua, com toda equipe assim, e eu estiquei a mão e cumprimentei ele do outro lado da rua, ele estava chegando do treino, nós estávamos indo para o treino em Barcelona e eu falei: “Oi Boris, tudo bem?” O Bóris já era íntimo, é amigo já. E os guris assim: “Tu conhece ele?” “Pô, é meu amigo cara!”. Então isso dá essa alegria de você compartilhar com essas feras todas. Então a Vila Olímpica é uma coisa muito legal, você compartilha também a questão das outras modalidades no Brasil, começa a torcer por alguns ali, começa a vibrar com eles porque não é todo dia que a gente ganha medalha em uma Olimpíada, é bem difícil; em Barcelona foram duas medalhas, foi o ouro no Judô e o ouro no vôlei, então, não é uma coisa fácil de se ganhar e a gente continua ali torcendo e compartilhando com as pessoas, sofrendo, chorando junto porque a gente se emociona com a história de cada um. Então a

Olimpíada para mim foi só alegria. Me passa muita coisa bacana. Eu tive o prazer de levar os meus filhos, a minha esposa na Olimpíada de Sidney, e agora quero levar os meus filhos, se Deus quiser, nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, porque é um ambiente espetacular. Ele motiva naturalmente, te deixa alegre. Eu gosto de dizer que a primeira Olimpíada eu fiquei com dor na boca, porque a gente fica rindo o dia inteiro; vai na academia é maravilhosa, vai no refeitório, tem cinema, restaurante, tem tudo, tu entra, tu vê campeões americanos, europeus, italianos, japoneses, então é sensacional. É um lugar que a gente curte muito de ir, então eu particularmente saí de Gravataí, do interior aqui, de família simples e tu estar em uma Olimpíada é tudo de bom.

C.M. – Como atleta, como que você chegou a ser convocado para a seleção? Estava em algum clube em destaque?

P.S. – Foi convocação. Eu estava em Chapecó⁴, tinha acabado o Sul Brasileiro aqui no Sul, me chamaram para ir para Chapecó. Fui para Chapecó, inclusive estava fechado o time lá, mas fui por uma indicação de um ex-técnico, o Bebeto de Freitas⁵, que era muito amigo do dono do Chapecó e o time tinha fechado e eu tinha ficado sem time. Ia ficar por aqui, eu talvez ia trabalhar, não sei o que ia acontecer comigo, daí ele me ligou um dia e falou: “Te indiquei lá para Chapecó, vai lá e faz um teste, fica lá um tempo com eles”. Ai fui, também não tinha os doze para jogar, me chamaram para ficar entre os doze, fomos para o Rio de Janeiro, no primeiro Brasileiro que eu fui disputar, isso foi em 1985, e eu fui conhecer bem de perto o tal de Bernard Rajzman, o William⁶, o Montanaro⁷. O primeiro jogo foi contra o time da Bradesco/Atlântica na época, o Bernardinho⁸ era o levantador. No final desse campeonato, eu fui considerado o melhor bloqueador e o segundo melhor atacante e o José Carlos Brunoro, que era o técnico na época me convocou. Vocês imaginam que festa que foi. A convocação para a seleção brasileira, quem nunca imaginava nem estar em um time de voleibol, ser convocado. Eu tinha quatro anos de carreira dentro do voleibol, foi muito rápido, então foi uma alegria muito grande, fui para São Paulo para treinar com eles. O primeiro quarto que eu fiquei foi com o Bernard, e ele inclusive me deu o controle remoto:

⁴ Cidade de Santa Catarina.

⁵ Paulo Roberto de Freitas.

⁶ William Carvalho da Silva.

⁷ José Montanaro Júnior.

⁸ Bernardo Rocha de Rezende.

“Fica à vontade, troca o controle remoto”. Daí eu falei: “Não, pode ficar contigo”. Imagina, vou pegar o controle remoto do Bernard, *imagina*, na primeira convocação. Então foi muito bacana, eu me lembro com muito carinho porque foi uma alegria muito grande para mim, para a família, para os amigos.

C.M. – Qual a repercussão da sua participação nos Jogos Olímpicos na sua carreira, depois da sua primeira participação, e principalmente depois da medalha. Qual foi a repercussão?

P.S. – Olha, a medalha de Barcelona, que foi o marco no esporte nacional e sul-americano, ela foi muito importante. Primeiro porque foi uma medalha inédita e segundo porque não perdemos nenhum jogo. O técnico Zé Roberto⁹, a gente brinca com ele, ele ganhou mais um campeonato agora também sem perder nenhum *set*. Em Barcelona ele perdeu só três *sets*, ele não perdeu nenhum jogo, então, ele gosta de fazer esses campeonatos leves [RISOS]. A gente brinca que ele só quer ganhar campeonato sem perder *set* quando é fraco, então, a gente brinca com ele o tempo inteiro com isso. Em Barcelona foi um marco porque também nós não perdemos nenhum jogo, perdemos três *sets*, foi a primeira Olimpíada da Era Moderna que não teve boicote, todos os clubes estavam lá. Na minha volta para Gravataí, eu morava lá na época e continuo morando, a minha chegada à Porto Alegre tinha um carro de bombeiros me esperando, super chique, aquela coisa de estrela mesmo, me senti bem importante. O carro de bombeiros deu uma volta em Porto Alegre, tinha chuva de papel picado, uma coisa que a gente só via em televisão, muito bacana. E a minha chegada em Gravataí foi feriado, então, foi maravilhoso, imagina: banda de música, a chave da cidade, placa de bronze, tudo que a gente nunca sonha em receber uma coisa dessas, de repente está lá, sendo alvo de atenções. Senti muito orgulho da minha família, os pais, todo mundo, apareceu primo e prima de tudo quanto é lado, que a gente nem sabia que existia, tios, então foi muito bacana, então foi um marco para a cidade, foi um marco para a minha vida, foi uma alegria ir para a cidade, voltar para a cidade onde eu comecei o voleibol e ser feriado naquele dia, foi muito marcante.

⁹ José Roberto Guimarães.

C.M. – Vimos que tu seguiu na carreira política e depois virou técnico e agora gestor do time do Canoas¹⁰, essa participação nos Jogos também facilitou, incentivou, valorizou esses seus caminhos?

P.S. – Foi assim, eu estava em Maringá¹¹, quando eu encerrei a carreira por lesão, tenho duas hérnias de disco, não aguentava mais de dor e um certo dia, isso foi em janeiro, o ministro do Esporte que era do Paraná, me liga dizendo assim: “Eu preciso de um diretor aqui em Brasília”. E eu tinha parado de jogar, então, aquela coisa de parar ou não parar e eu falei para ele no telefone: “Olha, eu aceito”. E a minha mulher estava do lado e falou “Aceita o quê?”. Ai quando eu desliguei o telefone, eu falei: “Eu aceitei um cargo em Brasília”. “Você está louco!” Eu falei: “Acho que estou, não sei arrisquei”. Veio na minha cabeça eu aceitei. Vamos lá ver o que acontece, eu fui para Brasília e assumi então, diretor de programa de alto rendimento que cuidava da Olimpíada, Paraolimpíada e Jogos Pan-americanos, tudo que era de alto nível. E quem assumiu uma diretoria paralela a minha foi o Lars Grael¹², que teve aquele acidente de perder a perna, também medalhista, eu já conhecia ele das Olimpíadas, uma pessoa irretocável. A gente começou a fazer um trabalho, foi uma experiência espetacular dentro da gestão política em Brasília, nunca imaginava. A partir dali eu tomei um gosto por projetos, por assessorias, por palestras, e veio o convite para ser deputado federal e eu fiz a campanha aqui, foi uma campanha muito legal, muito bacana mesmo, não foi uma campanha política, foi uma campanha de carinho, de amizade, porque as pessoas que ligavam eram professores de educação física ligaram do estado inteiro, eu fiz trinta e cinco mil votos, com sessenta mil reais, os caras se elegeram e se elegem hoje com setecentos, oitocentos mil reais, eu tinha sessenta mil reais e professores me ligando de todo o estado, dizendo: “Aqui tem trinta votos”; “Aqui tem vinte votos”; “Vem aqui fazer um churrasco com a gente”. E eu ia, pegava o carro e ia. Foi assim uma alegria muito bacana, uma campanha que eu nunca imaginei que ia ser tão legal assim, com alguns amigos que me ajudaram. Eu não me elegi, fiquei de suplente, talvez não era o momento ainda, e a partir dali eu me dediquei mais um pouco a projetos; eu me especializei em esporte educativo, esporte cooperativo, uma coisa que eu sou apaixonado, eu acho que eu largaria tudo novamente para me dedicar exclusivamente a isso, que é uma coisa que enche os olhos, eu sou um cara muito emotivo e você trabalhar com criança vale

¹⁰ Móveis Kappesberg/Canoas.

¹¹ Cidade do Paraná.

a pena para caramba, vale muito a pena, porque eles acreditam em ti o tempo inteiro. Tu trabalhar com credibilidade é tudo de bom. Eu me dediquei a isso nos últimos dez anos. Veio um convite para fazer um projeto aqui no estado, que não tinha time, não tinha isso, não tinha aquilo, pegamos isso, tentei aplicar um processo bem participativo como é a minha linha de trabalho de gestão, deu certo, a questão é que o projeto cresceu, participei da Liga B, da Superliga o ano passado, esse ano reforçamos a equipe, temos um cubano¹³, tem o Gustavo¹⁴, tem gente boa para caramba no time. O Prefeito¹⁵ e o Secretário de Fazenda¹⁶, e o Secretário de Esportes¹⁷ me chamaram para conversar sobre um projeto maior que eles tinham já em mente, que é o “Em Canoas: o esporte tem mais valor”¹⁸, trabalharia com todas as escolas, aqui tem quase setenta mil alunos, motivando as crianças a gostarem de esporte e também reforçando as modalidades esportivas, a construção de ginásios, investimento físico também do esporte. Eu repensei um pouquinho, uma coisa muito ampla, o projeto cresceu todo aqui com o La Salle também que é fundamental, a universidade também está apoiando bastante. Foi mais a questão da empolgação mesmo, de trabalhar muito fortemente nesse projeto, via Ministério do Esporte, Governo do Estado, então eu aceitei, mais um desafio, essas coisas que caem no colo da gente, a gente diz sim ou não, não sabe se vai acertar ou se vai errar e aceitei então esse desafio, agora de ser o gestor desse projeto, de ser o diretor executivo desse projeto, tem bastante trabalho diário, se antes eu não tinha tempo, agora piorou mais ainda, então, a sorte que a gente já tinha marcado esse horário com vocês, inclusive eu estava indo para São Paulo hoje e consegui atrasar para amanhã. Mas isso é muito bom, é muito bom porque acho que é reflexo de uma carreira dentro e fora da quadra, então as pessoas lembram de ti o tempo inteiro, lembram de mim nas palestras, nos projetos, eu gosto de ir nas escolas também fazer palestras e compartilhar, levar medalhas para as crianças verem e tudo, e isso é muito bacana, então é um envolvimento que está a cada dia mais tomando forma e gosto e me motiva a trabalhar por isso.

¹² Lars Schimidt Grael.

¹³ Angel Dennis.

¹⁴ Gustavo Endres.

¹⁵ Jairo Jorge da Silva.

¹⁶ Marcos Antônio Bosio.

¹⁷ Edimilson Tresoldi.

¹⁸ Projeto da Prefeitura de Canoas e da Fundação La Salle.

C.M. – Bom, então tem mais alguma coisa que a gente não perguntou e que você queria deixar registrado?

P.S. – Olha, eu acho que as universidades hoje elas poderiam pensar em investir no esporte em um contexto um pouco maior, quando se fala em esporte o pessoal fala: “Mas eu não quero ter time de vôlei, eu não quero ter competidores”. Só que a gente fala de esporte como um fator educativo, um fator de compartilhar valores, eu acredito muito no esporte como ferramenta educativa, infelizmente os governos, não posso criticar somente o governo do estado aqui; municípios, querem fazer esporte, querem construir ginásios, querem construir pistas, querem construir ar condicionado, coisas climatizadas, e esquecem de investir nos profissionais. Eu dou o exemplo de Cuba: eu conheci Cuba, e nós temos um cubano jogando com nós que é o Angel Dennis, e quando ele chegou aqui foi uma das primeiras coisas que eu falei: “Cara, vou te usar nas escolas, mas tem uma condição, eu vi em Cuba, fui visitar as escolas em Cuba quando eu estava jogando e fiquei impressionado de que maneira, lá eles usam os campeões olímpicos, professores e técnicos na escola de base”. Então foi exatamente o que ele me disse. Não precisa construir ginásios, o Prefeito falou, o Secretário de Esportes falou: “Não, nós não temos ginásios”. O Angel disse: “Não precisa ginásios, qualquer quadra, qualquer espaço é o suficiente e se faz esporte, desde que esteja bem capacitado o profissional”. Eu falei: “Ele é o cara que eu estava precisando que estivesse junto comigo”. Então eu acho que as universidades poderiam investir, não só na questão física, ela é importante, a questão científica também maravilhosa, que tu tem todo o acompanhamento de números, e acompanhamentos da fisioterapia, da fisiologia, e tudo mais que é importante, mas os profissionais é fundamental você ter. Eu gosto de dizer para a minha equipe de trabalho que cinquenta por cento é carinho, os outros cinquenta a gente aprende, então, quem trazer isso para os projetos vai ter sucesso, não tenho dúvida nenhuma que vai ter sucesso, o que as crianças precisam é só motivação, e hoje mais ainda. Hoje se fala em entretenimento, se fala em brincadeiras, se fala em Olimpíadas, em legado olímpico e as pessoas esquecem que o legado olímpico nada é mais, nada menos do que as pessoas. Então eu acredito muito na força das pessoas, dos profissionais de educação física, dos profissionais que estão envolvidos com o esporte. Quando eu falo profissionais do esporte você *linka* o esporte como uma ferramenta de negócio, então desde um banco, a uma engenharia civil, você usa a questão do esporte, e tudo vai ser trabalhado em equipe e tu vai ter que compartilhar a equipe e tudo você vai, se

você se acha o bambambam do projeto você não vai a lugar nenhum, você vai sair da universidade se achando o bambambam, vai tropeçar no primeiro cordão da calçada e vê, o que eu faço agora? Ninguém vai te dar a mão. Agora se você compartilhar e for atravessar qualquer coisa que apareça, temporal, correnteza, as pessoas vão lhe ajudar, de algum jeito vão botar um galho, puxar uma corda, alguma coisa eles vão te ajudar. Então eu acho que o esporte me ensinou isso de vida e eu acho que as universidades poderiam compartilhar um pouco mais isso e ir nas escolas, ir nos bairros que tem o IDH¹⁹ pior possível e compartilhar isso. Eu acho que aí sim nós vamos começar a crescer e ter legado esportivo, não só fazer ginásios e quadras esportivas, então, eu acho que nós temos que aprender a isso. Você vai no Japão e entra no ginásio e tem o cara controla luz, controla umidade, controla o calor do piso, mas os caras a quantos anos estão investindo no esporte; quantos anos eles te dão bom dia, boa tarde, por favor. E aqui no nosso Brasil nós estamos preocupados em brigar se vem médico cubano, se não vem médico cubano. Quer dizer brigar, se o salário vai ser isso ou vai ser aquilo, se o carro vai ter *airbag* ou se não vai ter *airbag*, então, a preocupação é muito física ainda, aquela coisa de que eu tenho que andar em um carro ultramoderno. E é um processo, eu acho que nós temos que olhar um pouquinho mais para essas coisas simples, que é o que a criança gosta, então, eu acredito muito que a universidade poderia se voltar para isso e fazer essas itinerâncias no estado inteiro. Você imagina se cada universidade fizesse uma equipe de cinco profissionais, cinco alunos, cinco estagiários, seja ele qual for, ou quatro estagiários e um profissional e compartilhar o aprendizado em uma comunidade mais carente, que fosse lá uma tarde, só brincar de pega-pega, brincar de pular corda, qualquer coisa, mas que quem ia aprender mais iam ser as pessoas que fossem lá, porque é impressionante, então eu acho que é um processo que as universidades hoje, em vez de ficar reclamando de governos, a gente poderia compartilhar isso em forma de trabalho em equipe.

C.M. – Paulão, em nome do Centro de Memória do Esporte, gostaria de agradecer pelo teu depoimento.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁹ Índice de desenvolvimento Humano